



Contadoras de histórias

Desde tempos remotos as mulheres contaram histórias, cantaram romances e criaram versos ao redor da fogueira.

Quando era pequena, a minha mãe abriu perante mim o universo das histórias sussurradas, e não foi por acaso.

Ao longo dos tempos foram sobretudo as mulheres que tiveram de desfiar a memória das histórias à noite. Foram as tecedoras de relatos e retalhos. Durante séculos enovelaram histórias ao mesmo tempo que faziam rodar a roca ou trabalhavam com a lançadeira do tear.

Elas foram as primeiras a expressar o Universo como malha e como redes. Seguravam com nós as suas alegrias, ilusões, angústias, terrores e crenças mais íntimas. Tingiam a monotonia de cores. Entrelaçavam verbos, lã, adjetivos e seda.

É por isso que os textos e os tecidos partilham tantas palavras: a trama do relato, o nó do argumento, o fio de uma história, o desenlace da narração; puxar o fio da meada, alinhar uma história, urdir uma intriga.

É por isso que os velhos mitos nos falam da mortalha de Penélope, das túnicas de Nausícaa, dos bordados de Aracne, do fio de Ariadna, da linha da vida que as moiras fiavam, da tela dos destinos que as Nornas cosiam, do tapete mágico de Xerazade.

Agora eu e a minha mãe sussurramos as histórias da noite aos ouvidos do meu filho.

Embora eu já não seja aquela menina, escrevo para que as histórias não acabem. Escrevo porque não sei coser nem fazer malha; nunca aprendi a bordar, mas fascina-me a delicada urdidura das palavras. Conto as minhas fantasias enoveladas com sonhos e recordações. Sinto-me herdeira dessas mulheres que, desde sempre, fizeram e desfizeram histórias. Escrevo para que não se quebre o velho fio de voz.



Irene Vallejo
O Infinito num Junco
Bertrand Editora, 2020
(excertos adaptados)